

ACÁCIA

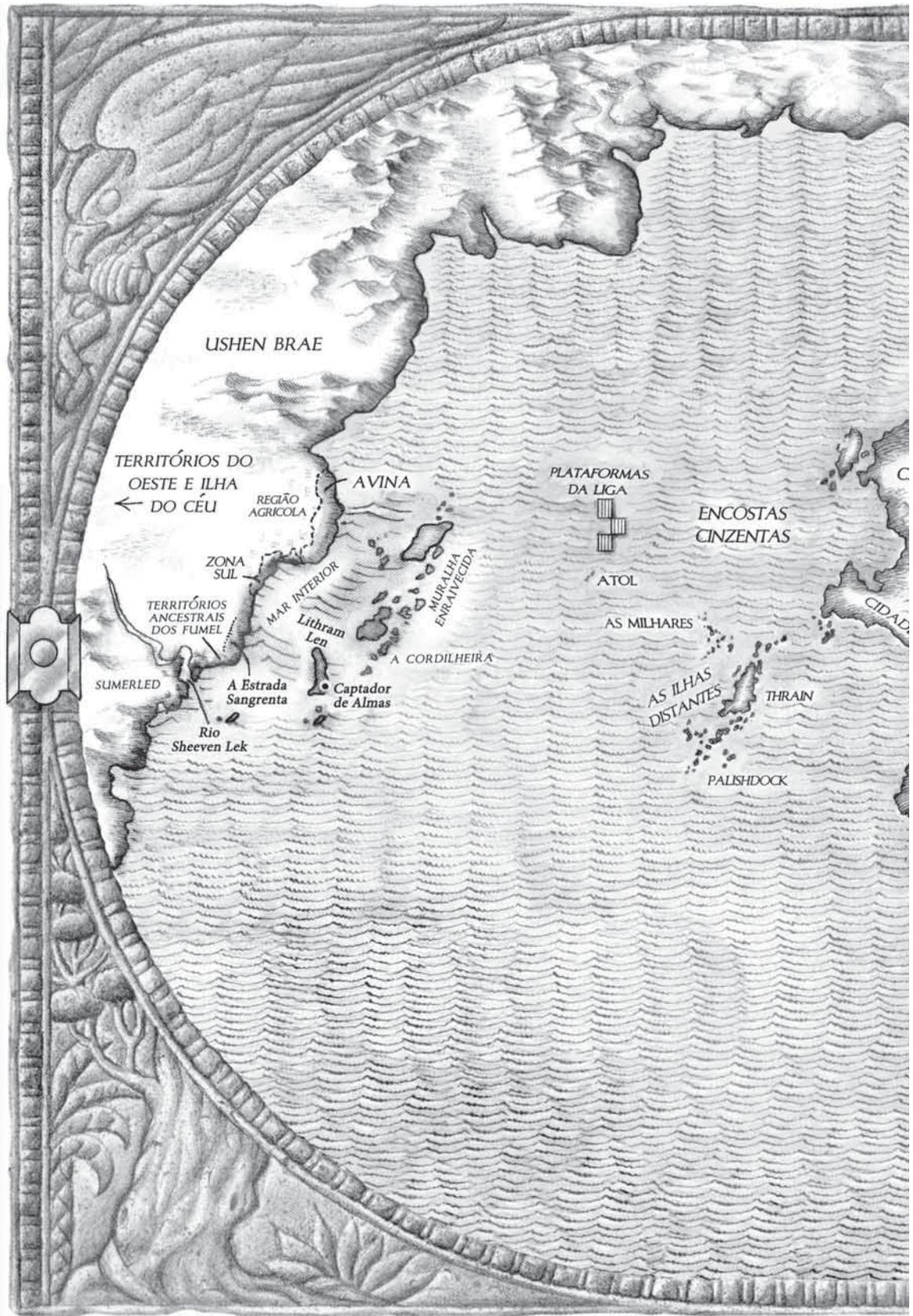
∞ VOZES DA PROFECIA ∞

Tradução de Fernanda Semedo

DAVID ANTHONY
DURHAM



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina





CAMPOS GELADOS

Mein Tahalian

Hardith

BARRENS

CORDILHEIRA DE GRADTHIC

ESTREITO DE GRADTHIC

Careven

Killintich

MONTANHAS NEGRAS

PLANALTO DO MEIN

Scatevich

Os Sinks

CORDILHEIRA DE METHALIAN

FLORESTAS DE EILAVAN

CONTINENTE

Rio Ask

Cathgergen

Charneca de Aushenguk

Aos

Alyth

Manil

Alécia

Prios

ACÁCIA

MAR INTERIOR

Luana

TERRAS DOS LAGOS

Pelos

CANDOVIA

Elos

Calfa Ven

SENIVAL

CIDADES COSTEIRAS

Crall

MINAS

KIDNABAN

Bocoum

TALAY

Umae

HALALY

SUL DISTANTE

(Santoth)

BALBARA

Falik

COLINAS DE TEHEN

COSTA DE TEH

CABO FALLON

ARQUIPÉLAGO VUMU

UVUMAL

Galat

VUMAIR

Ruinat





LIVRO TRÊS

a rainha silenciosa



CAPÍTULO

TRINTA E NOVE



¶ **M**ena regressou a Mein Tahalian quase cega pela neve, as pontas dos dedos das mãos e dos pés como galhos congelados, manchas amarelas no nariz e bochechas. Apesar dos protestos de Perrin e dos outros oficiais, não foi ao médico. Dormiu mesmo ali, nos estábulos relativamente quentes, enrolada no corpo exausto de Elya. Deixou que os criados lhe tirassem as botas e as luvas e depois mandou-os embora. Quando ficou com as mãos e os pés livres, encostou-os às penas da sua montada. Dormiu assim, as duas mortas para o mundo e quase verdadeiramente mortas. Foi a melhor coisa que podia ter feito.

Quando acordou, horas mais tarde, ficou algum tempo sem se mexer, sabendo que qualquer movimento despertaria o interesse das pessoas que a vigiavam. Percebia que a vida regressara aos seus membros e à pele do rosto, estimulados por aquele fantástico poder de cura das penas de Elya. Estava outra vez inteira. Ainda seria capaz de pegar numa espada, de entrar numa batalha. Apesar de desejar muito virar-se para o outro lado e voltar a dormir, sabia que não podia. Imagens de manhãs no palácio, em que ficara deitada, embrulhada nos lençóis, vieram assombrá-la. Quando era menina, e depois mulher, com o calor do corpo de Melio tão perto de si. Dias que passara estendida na sua enxerga de Vumu, nua, ou ocasiões em que vira a manhã perseguir as estrelas num saco-cama em Talay. Odiava que esses momentos fossem, para sempre, passado. Escarneciam dela. Importunavam-na. Não a largavam, mas também não podia tê-los de volta. Eram momentos de paz que agora pareciam luxos impossíveis. Alguma vez a vida fora tão sem cuidados? Não acreditava

que aqueles momentos tivessem alguma vez sido como ela imaginava, mas desejou-os tão intensamente naqueles primeiros momentos depois de acordar que derramou lágrimas enquanto o seu corpo se curava.

Depois levantou-se e convocou os oficiais para uma reunião na qual lhes explicou o que vira e fizera em vez de voar para a coroação. Em seguida, enviou várias cartas para Acácia através de uma ave mensageira, explicando minuciosamente tudo o que ficara a saber no seu encontro com os auldek e tudo o que agora planeava. Escreveu coisas que, de facto, não revelara aos seus capitães. Pediu — mais abertamente do que alguma vez fizera; comportando-se, mais do que nunca, como uma irmã mais nova — qualquer orientação que Corinn lhe pudesse oferecer.

Depois disso feito, continuou a agir. Fez tudo o que precisava de fazer enquanto aguardava a resposta, todas as tarefas, problemas e responsabilidades que a impedissem de estar demasiado consigo mesma. Reuniu as tropas. Enviou cavaleiros a todas as remotas povoações do norte onde pudessem chegar em segurança, avisando que a guerra não tardaria. Deviam evacuar para sul, se tivessem possibilidade, ou vir passar o inverno em Tahalian, se não tivessem. Com os oficiais, repassou os planos de batalha, estudou mapas e calculou o provável preço a pagar em vidas humanas. Não era uma aritmética com que conseguisse viver, se bem que não o demonstrasse. Em segredo, encontrou-se sozinha com Haleeven e Kant, o scav, e falaram pela noite fora.

O trabalho quotidiano mantinha-a ocupada. Esperava, a cada minuto, receber notícias de Corinn. E de Aliver, já agora! Apesar de ainda não acreditar totalmente que ele estivesse vivo. Uma parte dela agarrava-se à esperança de que Corinn arranjasse maneira de resolver tudo, surgisse com uma solução que só a sua mente astuta podia engendrar, para salvar as tropas que Mena aprendera a amar. Dormia pouco e, quando o fazia, acordava frequentemente na negridão de breu da noite do Mein, com uma cacofonia de problemas, preocupações, cálculos e dúvidas na cabeça. Em certas ocasiões acordava sobressaltada, na esperança de que Corinn estivesse com ela ali no quarto, ou numa versão em sonhos, viajando no corpo de Perrin. Mas isso não aconteceu. Nada chegava do sul. Absolutamente nada.

Além disso tudo, castigava-se a si própria por não ter feito melhor quando falara com os auldek. Devia ter arranjado uma maneira de estabelecer a paz com eles. Em vez disso, deixara que uma fanfarronice

ansiosa lhe tomasse conta da língua e enfunasse o peito, como se fosse um rapaz adolescente. Por causa disso, teriam guerra. Por causa disso, muitos morreriam. Fora sempre esse o propósito da sua missão — não tanto derrotar os auldek, mas embotar o seu ataque de modo a que um segundo exército, liderado pela rainha, pudesse acabar com eles. Que espécie de plano era aquele? Um plano desesperado. Um plano cruel. Um plano com uma eficiência fria e calculista que ela fizera o seu melhor para aperfeiçoar, mesmo que, secretamente, não aceitasse que era a única maneira.

Na última reunião que teve com os oficiais antes de alguns deles irem para o terreno, pediu-lhes que a esperassem até que todos os outros assuntos estivessem concluídos. As tropas estavam novamente a reunir-se dentro do Calathrock, para ouvirem as suas ordens como grupo uma última vez dentro daquela câmara.

— Antes de irem ao encontro deles — disse aos oficiais, — tenho duas coisas para vos pedir. Tenho a certeza de que todos pensaram muito acerca da razão por que fomos enviados para cá. Tivemos ainda mais tempo para pensar desde que chegámos aqui, a Tahalian, mas as coisas desenrolar-se-ão rapidamente a partir de agora. Parece-me melhor sermos honestos acerca disto. Não vamos marchar para derrotar os auldek. Não podemos derrotá-los com as tropas de que dispomos. Eles controlam o ar, pelo que não podemos surpreendê-los, nem flanqueá-los, nem nada. Quando lutarmos com eles, será em campo aberto, a nossa astúcia contra o seu poder.

Bledas, o capitão Marah, começou a alardear o treino desenvolvido nos últimos tempos. Mena fê-lo calar apenas com um olhar.

— Apesar de tudo isso, Bledas, nós não marchamos para os derrotar. Preciso que todos tenhamos consciência disto. A nossa missão é morrer a combatê-los. Morrer. Matar tantos quanto nos for possível, feri-los e atrasá-los o mais que pudermos, cair de maneira a que os nossos corpos os façam tropeçar e abrandar. Dessa forma, eles entrarão no Mundo Conhecido exaustos, gelados, enfraquecidos. Será tarefa do exército seguinte destruí-los. Se fizermos o nosso trabalho, eles conseguem-lo-ão, mas nenhum de nós deve pensar que vai assistir a essa vitória. Quero pedir-vos duas coisas. Em primeiro lugar, peço-vos que decidam hoje que vão morrer nesta batalha. Preciso que cada um de vocês faça isso. Se não o puderem fazer, podem abandonar o meu serviço.

Deixando-os absorver as suas palavras, olhou em volta da sala, para o rosto de cada homem, oferecendo-lhe a oportunidade de responder. O falador Edell não disse nada. Bledas introduziu um dedo numa fenda da velha mesa de madeira. A boca senivaliana de Perceven, estreita e cheia, fechou-se num beicinho, acentuando os dois picos montanhosos do seu lábio superior. Mena leu o pensamento por trás do gesto. Estava a despedir-se da vida. Haleeven, que conforto era olhá-lo. O seu rosto era sólido, impávido, como se acolhesse bem aquela conversa e lhe parecesse apropriada. Perrin olhava-a com os seus olhos de amante. Sem querer, pensara muitas vezes se Melio se importaria que ela buscasse consolo nos braços do soldado. Ela não o faria, mas, por vezes, desejava fazê-lo.

— Muito bem — disse Mena. — Agora, a segunda coisa. Quero que vão antes de mim ao encontro das vossas tropas e lhes repitam o que acabei de vos dizer. Que lhes façam a mesma oferta.

— Princesa Mena! — começou Edell. — Não podemos propor-lhes...

— Tenho de o fazer — respondeu Mena. — Não vou ordenar aos soldados que morram. É aí que os conduzirei, mas não lhes ordenarei tal coisa. Pensei muito nisto, Edell. Não me farás mudar de ideias. Apenas comandarei um exército de soldados de boa vontade. É o que desejo para Acácia depois desta guerra. Se a quisermos ganhar, temos de começar agora. É tudo. Se desejarem abandonar o meu serviço, façam-no agora. Caso contrário, vão falar com os vossos soldados.

Falou com toda a calma e resolução que conseguiu reunir, e assim permaneceu enquanto os homens saíam. Surpreendeu-se por conseguir demonstrar tão pouca emoção, e depois percebeu que isso acontecia por sentir, de facto, tão pouca emoção. Estava apenas a dizer a verdade. Aquilo em que acreditava, e que tinha de dizer e fazer.

E, contudo, uma hora depois, ao aproximar-se das portas por trás das quais todo o exército estava reunido no Calathrock, não podia fingir que não tinha um nó nas entranhas e que não tinha as palmas das mãos suadas e os músculos dos maxilares doridos por estarem tão cerrados num esgar do qual nem tinha consciência. Devia ter voltado com a bênção do renascimento de Aliver. Em vez disso, voltara com uma escolha de vida ou morte. Que faria se cada um deles aceitasse a sua oferta de

partir? Não tinha planos para isso. Nenhum discurso para os fazer mudar de ideias. Nenhuma coragem para os manter contra a sua vontade.

Se as coisas chegassem a esse ponto, os auldek teriam uma visão verdadeiramente ridícula, uma princesa solitária, com uma espada, que iria ao seu encontro para os derrotar sozinha.

Um soldado abriu-lhe a porta. Ela entrou na câmara subterrânea e percebeu que nunca tivera nada a recear. Claro que não, com soldados como os seus. Com corações livres como os deles. Homens que sabiam por que lutavam e o faziam pelas suas próprias convicções. “Isto”, pensou, “é o que Acácia deve ser”. Era o que podia ser, e era a razão por que não enfrentaria os auldek sozinha. Nem por sombras.

No dia seguinte, os primeiros contingentes de exploradores e comboios de mantimentos deram início à marcha que prepararia o caminho para nordeste, ao longo do perímetro das Montanhas Negras, em torno delas e para norte, em direção aos Campos Gelados, onde tencionava confrontar os invasores auldek. Nem um dos seus soldados a abandonara. Tinham até brincado com ela por ter pensado que algum o poderia fazer. Perrin contou-lhe que tinham troçado dela por pensar que os comandava contra a sua vontade. Talvez isso tivesse sido verdade nas primeiras semanas, mas, depois disso, tinham ficado com ela porque queriam. Era um deles, e eles teriam orgulho em morrer com ela. Foi o que lhe disse, soldado após soldado, cada um falando baixinho, como se lhe contasse um segredo. Como uma declaração de amor. Embora fosse mórbido, era bom, muito bom, ouvi-lo.

O exército deixou o calor vaporoso de Mein Tahalian numa coluna longa e estreita. Viajavam quase todos a pé, enrolados em camadas de lãs e peles tratadas com óleo, capuzes bem apertados em torno do rosto e protetores de vidro nos olhos. Levavam fardos às costas, pois não tinham trenós ou cães suficientes para puxarem todas as provisões. Seria um progresso lento e tortuoso, mas já todos sabiam disso.

O dia nunca chegou a ficar completamente claro. Em vez disso, o sol roçou levemente o horizonte, projetando raios de luz oblíquos sobre a terra durante algumas horas, antes de desaparecer. Viajavam na escuridão, seguindo as fogueiras que os exploradores tinham preparado para eles.

Mena teria marchado ao lado deles, mas Haleeven convenceu-a de que esse era um gesto de autoindulgência.

— As tropas sabem que estaríeis disposta a sofrer ao lado delas, o que significa que não tendes de o provar. Significais mais para nós nos céus, princesa. É isso que os homens precisam de ver.

E assim, ela seguiu pelos ares. Montada em Elya, Mena pairou sobre eles, percorrendo a longa coluna de ponta a ponta, maravilhando-se por ser tão pequena na paisagem e, ao mesmo tempo, a encher tanto de orgulho. Na primeira semana, separava-se da coluna em marcha e voltava a Tahalian sempre que podia, sabendo que qualquer correspondência de Acácia não passaria facilmente além da fortaleza. Nenhuma ave podia ser treinada para procurar um exército em movimento numa paisagem hostil, e qualquer mensageiro que enviassem de Tahalian atrás deles viajaria lentamente, em perseguição de um alvo que estaria sempre a distanciar-se.

Finalmente, teve de abandonar a esperança de receber qualquer correspondência. Não lhe sobrava sequer uma ave para enviar com uma última mensagem. Escreveu duas missivas, porém, e deixou-as com os aldeões, reunidos para se abrigarem na fortaleza. Quando lhes chegasse uma ave do sul, eles reencaminhariam as suas cartas. Uma era para a irmã e o irmão. A outra, para o marido.

E então partiu. Voou em círculos por cima de Tahalian durante algum tempo, vendo, pelo que julgava ser a última vez, lá em baixo, a paisagem inóspita coberta de neve. Era estranho como um lugar que ela outrora considerara o covil inimigo se viera a tornar tão rapidamente como uma segunda casa. “Será todo o mundo assim?”, perguntou-se. Talvez, se dermos tempo ao tempo e uma oportunidade aos nossos inimigos.

Uma semana mais tarde, de manhã, Gandrel pediu que Mena se lhe reunisse numa encosta polida pelo gelo. Como Perrin estava com ela, fornecendo-lhe as atualizações do dia, acompanhou-a. A encosta permitia avistar o exército que passava e uma boa porção do terreno à sua frente. As Montanhas Negras erguiam-se para o céu a oeste, mas não constituíam obstáculo para eles. O obstáculo seria a amálgama de detritos gelados no horizonte a norte. Mena vira-a de cima no dia anterior, mas planeava uma observação mais atenta para hoje. A luz baixa trans-

mitia às formas uma aura de mistério, tornando-as difíceis de distinguir. Tudo sombras e toques de luz, as coisas pareciam mudar de forma e de cor mesmo enquanto ela observava.

— Aquilo são placas de gelo do mar — disse-lhe Gandrel. Emprestou-lhe o seu pequeno telescópio. — É bonito de ver, parecem vidro azul e verde quando a luz incide nelas de uma certa forma. Mas são traiçoeiras. Têm estado a ser empurradas para a costa desde que Elenet lançou no caos o mundo do Doador. Atravessar ali será muito difícil. Estão cheias de fissuras, fendas e pontos pouco sólidos. Estão sempre em movimento, vedes, respirando conforme a estação muda — acredite-se ou não. Serão alguns dias sempre aos tropeções, diria eu. De gatas, com cordas, arrastando-nos e rezando ao Doador. Será difícil montar ali acampamento. Teremos de nos dividir à noite para arranjar locais adequados. Perderemos alguns homens, e também animais. A única boa notícia é que, mais além, quando estivermos bem distantes do sítio onde o gelo se abeira da costa, tudo é mais fácil. Um bom lugar para travar uma batalha, diria eu.

— Não há outro caminho? — perguntou Perrin. — Nunca tinha vindo tanto para norte, por isso não sei, mas tens a certeza de que não há alternativa?

— Não, não há outro caminho. Tendo em conta o que o scav me disse e onde Mena os encontrou, os auldek virão por aqui. Em todo o caso, princesa, podeis levar a Elya e inspecionar, mas tenho praticamente a certeza.

— Não duvido de ti — disse Mena, baixando o telescópio.

— Podíamos esperar por eles aqui — sugeriu Perrin. — Deixá-los ter o trabalho de atravessar a confusão.

Gandrel cerrou os seus lábios grossos. Depois abriu-os.

— Para eles, não será um obstáculo tão grande quanto para nós, pelo menos se já tiverem conseguido vir até tão longe.

Mena pensou por um momento.

— Não, não podemos ficar aqui sentados à espera deles. Teríamos mais a perder do que a ganhar. Os auldek não o fariam. Se nós o fizermos, vê-lo-ão como um sinal de cobardia. Além disso, têm muitas criaturas voadoras, e nós, apenas uma. Só essas já conseguiriam fazer-nos a vida num inferno.

E, pensou, “os nossos homens podiam começar a pensar que ti-

nham a possibilidade de fugir para sul se as coisas corressem mal. Não quero que pensem isso. Pelo menos, por enquanto”. Era um pensamento pouco caridoso, desfasado da disposição destemida dos homens. Mas ela não o conseguia evitar, apesar de optar por não o exprimir em voz alta.

— Prefiro que os enfrentemos corajosamente, de uma vez por todas.

Ambos os homens pareceram aceitá-lo. Gandrel prosseguiu:

— Chamei-vos porque vos queria mostrar outra coisa. — Indicou-lhe com um gesto que erguesse o telescópio outra vez, esperou que ela semicerrasse um olho e encostasse o outro, aberto, ao aparelho. Ele ajustou a direção. — Um pouco antes de o gelo começar. Mesmo a oeste do norte magnético. Conseguis ver?

Não teria visto se ele não a tivesse dirigido para lá. E, mesmo assim, demorou um pouco a distinguir as figuras em movimento, como um formigueiro. Uma fila de pessoas esforçava-se por abrir caminho na direção das placas de gelo. Não eram numerosas.

— Quem são? — perguntou Perrin. — Não são soldados auldek. E também não são nossos.

— Não — concordou Gandrel — São scav.

— Que fazem aqui? Querem juntar-se a nós? Se assim é, alguém devia dizer-lhes que esperassem.

— Não, não é para se juntarem a nós. Não é o género de comportamento dos scav. — Ele semicerrou os olhos na direção deles, embora Mena não acreditasse que os visse a olho nu. — Mas têm um plano qualquer.

Perrin pegou no telescópio. Olhando através dele, perguntou: — Como sabemos que não é uma traição?

— Para ajudar os auldek? — desdenhou Gandrel. — Nem pensar. Odeiam-nos com todos os músculos dos seus corpos. E não estão a esconder-se. Mesmo a esta distância, sabem exatamente onde estamos. Os scav querem que saibamos que eles estão connosco, mas não me parece que desejem uma receção oficial. Tornam-se invisíveis quando querem. Se bem os conheço, não os veremos muito. Contudo, caso nos ajudem, seguirão apenas as suas próprias ordens.

Sorrindo, Mena disse: — Parece que podem ser um sarilho.

— Para os auldek, esperemos. Acenai-lhes e desejai-lhes boa sorte, diria eu.

Foi isso que Mena, alegremente, fez.

Atravessaram o limite dos campos gelados na manhã seguinte, assim que a luz o permitiu. Do nível do chão, era difícil avaliar o que os esperava. Lá de cima, Mena apenas podia ver a extensão do seu avanço desordenado, mas ainda era difícil distinguir as cores e sombras em mutação, os tons de vidro e as fendas ocultas. Não era um território destinado a humanos, mas uma paisagem que, de forma alguma, reconhecia a possibilidade de pessoas a atravessarem. Elya desprezava o sítio. Nem sequer gostava de aterrar ali. Quando Mena a obrigou a tocar o chão, os seus pés escorregaram, inquietos e sem desejo de se equilibrarem, sempre com as asas a bater. Mena teve de se resignar a gritar as suas palavras de ânimo do ar.

Durante os seus voos, Mena não detetou qualquer sinal do grupo de scav, mas num voo para norte avistou o exército que chegava a marchar, tochas a arder contra a noite que se avizinhava. As suas bestas voadoras também a avistaram. Algumas das criaturas aladas voaram na direção dela. Em resposta, ela e Elya elevaram-se mais, voando em círculo de uma maneira suficientemente prazenteira para mostrar que não tinham medo.

Claro que Mena tinha medo. Pela primeira vez em semanas apercebia-se de que não pensara em proteger Elya de tudo aquilo. Não dissera sempre que Elya nunca veria a guerra? Que acontecera à determinação com que falara a Corinn? Ela tivera essa intenção, mas, em vez de se manter fiel à sua palavra, colocara Elya em perigo, longe de Acácia, a um mundo de distância dos prados de Talay em que a encontrara. Que direito tinha de o fazer?

O pior de tudo fora ter afastado Elya dos seus filhos. Nem sequer sabia o que Elya pensava disso. Se pensava neles, guardava-o para si, sem qualquer vestígio das emoções que pudesse sentir. Isso, mais do que qualquer outra coisa, fazia Mena acreditar que Elya escondia os seus pensamentos da sua ama egoísta, aquela que também tinha medo de enfrentar a morte sozinha. Mena pensava em tudo aquilo, mas não fazia nada para o alterar. “É assim que somos com os que amamos”, pensou. “Demasiado cobardes para os libertarmos.”

Pairou no extremo da planura gelada, aguardando que o exército se lhe juntasse, vendo o inimigo emergir na realidade. Erguiam-se do gelo sobre pés, cascos ou rodas, saltando para o ar, alados. Sussurrou uma

oração ao Doador, esperando que o plano que concebera resultasse, que pudesse mesmo salvar as vidas de alguns dos seus soldados.

Nessa noite, depois de o exército ter percorrido o labirinto de gelo e se ter instalado para acampar, Mena reuniu os seus oficiais. Dentro de uma tenda a abanar ruidosamente ao vento que se levantara, falou-lhes:

— Julguei ser necessário que cada soldado viesse aqui de sua livre vontade, e que cada um deles enfrentasse a morte como uma conclusão inevitável. Nunca serei capaz de vos explicar o quanto me sinto orgulhosa de cada um dos nossos soldados.

— Não tendes de explicar — disse Perrin. — Nós sentimos o mesmo.

— Nesse caso compreendereis que não tenho desejo de os enviar a todos para a morte. — Deixou-os absorver as palavras. Os seus olhos passaram de rosto em rosto. A luz da vela em torno da qual se aglomeravam fazia-os parecer participantes taciturnos num ritual arcano. “Este não será um sacrifício de sangue”, pensou.

— Tenho estado a pensar seriamente numa maneira de alguns deles sobreviverem, sem deixarmos de fazer tudo o que pudermos para causar dano aos auldek. E acho que tenho um plano. Exigirá traição, engano. Não será inteiramente honroso, pelo menos em relação aos Velhos Códigos.

— Estou a gostar do que ouço — disse Gandrel. O seu rosto marcado era um dos mais assustadores sob a luz, especialmente porque sorria. — De qualquer maneira, nunca vi grande utilidade nos Códigos, e a traição e o engano estão subvalorizados.

Os outros riram.

— Exigirá também que confiem nos scav — prosseguiu Mena, não sendo já recebida com a mesma jovialidade. — Haleeven, explica-lhes o que acordámos com Kant e o seu povo.

Quando o velho guerreiro começou a falar, Mena retirou-se para observar a luz inconstante a brincar sobre os rostos dos homens. Estava a pedir-lhes muito, sabia. Ouvir o esquema da boca de um dos inimigos recentes do império e perceber que envolvia depender de um povo esfarapado que se esforçava por sobreviver num território inóspito e gelado, tão longe do limite do mundo que nem estava cartografado. Era, de facto, estranho, mas parecia correto, necessário. Se queriam ganhar aquela guerra, teriam de, no processo, refazer a forma de funcionamento da sua sociedade.

Mais valia começar ali mesmo, com eles próprios, pensou.

CAPÍTULO

QUARENTA



Desciam os picos ondulantes das Montanhas da Cordilheira quando tiveram o primeiro vislumbre das Ilhas Limítrofes das Outras Terras, e quando as aves da costa se precipitaram a cumprimentá-los, Melio concluiu que, afinal, talvez não morresse naquela viagem. Não faria muito sentido morrer agora, depois de ter chegado tão longe e, especialmente, depois do que acontecera aquela noite no *Slipfin*. Essas coisas não acontecem por acaso.

A noite em que Kartholomé os chamou da cabina para o movimento brilhante e escorregadio, fora a coisa mais estranha que Melio experimentara. A toda a volta deles — onde houvera águas calmas durante dias — formas erguiam-se, desciam e rolavam, como pedaços enormes de gelo luminoso que se retorcia e, de certa forma, vivia. O oceano eram aquelas criaturas. Aglomeravam-se de tal forma em torno deles que o barco balançava com a pressão dos seus corpos contra o casco. Estavam em silêncio, a não ser pelos sons molhados dos seus movimentos e uma ocasional expulsão de vapor salgado das ranhuras ao longo dos seus corpos.

Apesar de todo o bater aterrorizado do seu coração, Melio não conseguia mexer-se. Nenhum deles conseguia.

— Não devíamos ter falado deles — sussurrou Clytus. — São lobos-marinhos. Tenham calma, companheiros. Precisamos de calma.

— Não se parecem com lobos — disse Melio. Não se pareciam com o seu desenho no mural lá de dentro, mas, com todo o sorver e agitar dos seus corpos, Melio não conseguia distinguir-lhes as formas.

Grandes volumes esbranquiçados, era o que se via. Conseguia também distinguir tentáculos, sulcos ondulantes e olhos circulares e planos. Mas não conseguia perceber a totalidade de cada um deles. Parecia, simplesmente, que o mar se revelara aquilo que, na verdade, era — uma massa emaranhada de vida escorregadia e senciente.

Geena tocou-lhe no ombro: — Não me parece que tenhas sido o primeiro a reparar nisso.

— Deixa-te de brincadeiras — disse Kartholomé. — Cercar-nos-ão num minuto. — Aproximou-se de uma pilha de lanças e começou a desatar as cordas que as amarravam. Clytus, vendo o que ele se preparava para fazer, juntou-se-lhe. Moveram-se nas pontas dos pés, com uma furtividade que Melio considerou absurda, tendo em conta os enormes olhos redondos que observavam cada movimento seu enquanto subiam e desciam e escorregavam por cima da amurada.

Melio continuou a não se mexer. Não era o medo que o mantinha imóvel, embora o medo bombeasse cada pancada do seu coração. Era outra coisa que o imobilizava e o mantinha de olhar fixo. Não podia deixar de notar que as criaturas pareciam estar a acariciar o *Slipfin*, sondando-o, apreendendo os seus contornos. Não conseguia evitar a sensação de que os olhos lhe prestavam ainda mais atenção a ele do que aos homens que erguiam armas para lhes arremessar. Um tentáculo deslizou pela amurada, escorregou pelo convés e depois retirou-se. Ele sabia o que devia pensar. Estava a sondar, em busca de vítimas. Viria mais um, e depois outro. E em seguida desfariam o barco e consumi-lo-iam como um cardume selvagem. Claro que o fariam.

Kartholomé disse qualquer coisa e sacudiu-lhe o braço. Melio olhou para baixo e encontrou um arpão nas suas mãos. Era velho, gasto, um trambolho barato comprado em Bleem. Kartholomé passara dias a afiar a lâmina. A sua ponta de ferro era suficientemente mortífera.

Quando Melio ergueu a cabeça, cruzou o olhar com o de uma das criaturas. Descrevia um arco sobre a amurada enquanto o leviatã deslizava pela lateral do navio, esmagado contra ele pela pressão dos outros lobos. Uma pálpebra fechou-se com um estranho movimento circular que não tinha nada a ver com o de uma pálpebra humana.

Melio ergueu o arpão à posição de atirar. Tinha ali um alvo, sem sombra de dúvida. Viu o vago perfil de si próprio e dos seus companheiros refletidos no olho, distorcidos pela sua forma e pela humidade

que escorria dele. Em vez de lhe espetar o arpão — como sabia que os outros se preparavam para fazer — perguntou-se o que veria a criatura ao olhá-lo. Nunca questionara essas coisas quando olhava nos olhos das Aberrações. Sentia apenas a sua repugnância, a terrível guerra com a vida que grassava dentro delas. Este olho não continha nada disso. Este olho via-o. Conhecia-o e...

Recuperou a língua exatamente no momento em que Kartholomé puxava o braço para trás, com o arpão seguro bem alto.

— Não! — sussurrou. Queria gritar, mas receava erguer a voz. — Não!

Kartholomé ouviu-o. Com a arma ainda erguida, virou a cabeça bruscamente para ele. A sua expressão era interrogadora, feroz e impaciente.

— Não faça isso — foi tudo o que Melio pôde dizer em resposta. Como podia explicar aquilo em que nem ele próprio acreditava? Que as criaturas não queriam fazer-lhes mal, e que apenas o fariam se fossem atacadas? — Não faça isso.

Se não tivesse partilhado com os outros a experiência que se seguiu, teria pensado que era um sonho, uma visão provocada pela estranha quietude. Dobrou-se e pousou o arpão no convés. Dando um passo em frente, ergueu uma mão e aproximou-a da pele escorregadia da criatura. O seu olho observou-o, agora completamente imóvel. Tocou mesmo ao seu lado. A pálpebra abriu-se e fechou-se com o seu bizarro movimento circular, mas foi tudo. Um momento depois, Melio virou-se para Geena que soltara um gritinho abafado. Um tentáculo esticara-se ao longo do convés e tocara-lhe a perna. O tentáculo recuou e ergueu-se, móvel, flexível e completamente inumano. Tocou a mão de Geena. Esta reagiu levantando-a, e o tentáculo moveu-se com ela.

— Pelo Doador! — disse Clytus. — O que é isto?

Melio não sabia, mas sabia que não devia combatê-lo. Sabia que descobrira alguma coisa, e que era enorme, que era importante. Havia naquilo algo que nenhum ser vivo conhecia. Se não cometesse qualquer erro, talvez um dia descobrisse o que era.

E depois, tudo terminou. As criaturas recolheram os seus tentáculos e deslizaram para fora do barco. Tornaram-se outra vez um movimento fervilhante. O *Slipfin* balançou quando elas aliviaram a pressão. O sino lá em cima, no mastro principal, tilintou, primeiro com o balanço e depois para anunciar o vento que, no momento seguinte, enfunou as velas. Melio olhou para cima, só por um momento. Quando voltou a olhar para o

mar, este era novamente água e não se avistava qualquer criatura. Além disso, era água num movimento ondulante, com as ondas a formarem-se mesmo diante dos seus olhos.

— Vamos lá, Clytus — disse, com os seus olhos de capitão já a inspecionarem as vagas para onde o vento os empurrava. — Há uma cordilheira de ondas entre nós e o Spratling. Vamos atravessá-la.

Foram soprados para elas e passaram as duas horas seguintes a subir e descer sobre picos inacreditáveis. Clytus e Kartholomé fizeram turnos ao leme. Em conjunto, atravessaram as ondas. Sair do outro lado foi apenas um breve alívio, pois ali, no horizonte, viam-se novos picos, desta vez de pedra. Avistaram também velas de navio. Não havia tempo para descansar nem para ficarem satisfeitos consigo próprios. O perigo que corriam era o mesmo de sempre.

A peregrinação sistemática de Kartholomé pela biblioteca do capitão deu os seus frutos, pelo menos em pequenas porções de conhecimento que puseram em uso. O seu navio não fora claramente atribuído às Outras Terras, mas, ainda assim, havia informação sobre o local a ser encontrado. Examinaram um mapa que detalhava extensivamente as Ilhas Limítrofes, determinando o melhor percurso para o continente, a que o mapa chamava Ushen Brae. Melio nunca ouvira aquele nome, mas agradava-lhe a sensação de o pronunciar. Evidentemente, pensou, as terras teriam o seu próprio nome. Com certeza não eram «as outras» para elas próprias. Para evitar a Muralha Enraivecida — que Kartholomé não sabia bem como navegar —, decidiram seguir para norte em torno das ilhas, e depois descer ao longo da costa. Estas ilhas pareciam menos desenvolvidas do que as de sul. Atracariam a norte de Avina e viajariam para a cidade a pé. O plano era simples, se bem que incompleto. Evitando a Liga e as patrulhas Ishtat, procurariam os escravos da Quota. Com a sua ajuda, ficariam a saber tudo o que pudessem sobre o destino de Dariel.

Antes de terem encontrado qualquer vestígio dos escravos da Quota, contudo, depararam-se com uma grande quantidade de navios da Liga. As galés apareceram atrás deles enquanto passavam por entre uma grande ilha, a que o mapa chamava Eigg, e os pequenos rochedos que salpicavam o caminho para norte. Primeiro três navios, e depois mais dois, à distância. Tinham muitos andares de altura, mas uma aparência elegante que os distinguiu dos brigues volumosos, com mais velas do que

Melio podia contar. Do seu posto de observação no *Slipfin*, os barcos da Liga pareciam carnívoros cortando as ondas atrás deles.

— Que pensarão fazer? — perguntou Kartholomé. Havia um tom de medo na sua voz que era semelhante àquele com que o chamara para ver os lobos-marinhos. — Eu conheço aqueles barcos. Nunca os tinha visto, mas ouvi dizer que estavam a construí-los. Cinco galés de guerra. São eles, sem dúvida. Cada um pode transportar oitocentos soldados, sem contar com a tripulação. A capacidade de armazenamento é de toneladas, mas são rápidos, com quilhas de fazer inveja às barracudas. Aço reforçado, com torreões, cestos para arqueiros. — Olhou para Melio. — Se a Liga os enviou para aqui, é porque querem conquistar este sítio.

Clytus manteve o *Slipfin* num movimento estável para norte e os outros fizeram o seu melhor para se manterem visíveis no convés e no cordame. Se alguém das galés os examinasse com um óculo, seria óbvio que o barco tinha falta de tripulação. Kartholomé içou uma bandeira que explicou ser uma saudação aos outros barcos, saudando-os mas indicando-lhes também que se encontravam numa missão impossível de interromper. O ardil nem teria sido necessário. Assim que as primeiras galés contornaram um grande istmo na ponta de Eigg, começaram a baixar as velas. Aparentemente, iam ancorar ali.

— Sim, estão a parar — confirmou Kartholomé algum tempo depois, com um olho enfiado numa luneta enquanto o *Slipfin* se distanciava. — Deveríamos... sei lá... espiá-los? Voltar para trás depois de escurecer, para os vermos melhor?

— Não — respondeu Clytus. — Não viemos até aqui para sermos apanhados pela Liga. Vamos sair daqui.

Viram Avina ao crepúsculo. Os muros de pedra da cidade erguiam-se, encostados ao mar, o céu por trás deles rendilhado de nuvens em tonalidades carmesim. Navegaram para noroeste ao longo da costa, sem se atreverem a aproximar-se da cidade no *Slipfin*. A paisagem alterou-se, havia agora grandes extensões de terrenos agrícolas. Quando escureceu já os tinham ultrapassado, deslizando cautelosamente ao longo de um labirinto de enseadas arborizadas. Parando numa delas, ancoraram para passar a noite. Na manhã seguinte deixaram o *Slipfin* numa enseada o mais escondida possível, desembarcaram e partiram para Avina a pé.

Foi Kartholomé quem percebeu primeiro que plantas eram aquelas. Tinham caminhado através delas desde o entardecer e durante uma boa parte da noite. Filas e filas de arbustos baixos, com longas folhas verdes prateadas de luar. Percorreram milhas. Embora os campos, tanto quanto podiam ver, estivessem desertos, tinham sido tratados há pouco tempo. De altura uniforme, tinham sido podados recentemente, e a terra entre eles fora limpa de ervas daninhas. As plantas não tinham fruto, mas tinham cachos felpudos de flores que se agarravam a uma protuberância longa e quase fálica. Melio reconheceu que devia ser a sua imaginação, mas pareciam crescer mais depois do cair da noite, como que excitadas pelo brilho redondo da lua. Kartholomé, encabeçando a fila, parou quando Geena pediu uma pausa para se aliviar. Enquanto ela o fazia, ele aguardou, tocando com os dedos uma das ereções da planta. Melio teve vontade de fazer uma piada, mas não se conseguiu lembrar de nenhuma a tempo.

— São campos cultivados — disse Kartholomé. Retirou a mão, olhou-a por um momento e depois limpou a palma à perna das calças. Olhou para os outros. — Bruma. É aqui que cultivam a bruma. Sentem o cheiro?

No momento em que o disse, Melio percebeu que ele tinha razão. Podia cheirá-la. Um cheiro pungente, almiscarado e quase animal. Já se podia sentir quando tinham entrado nos campos, mas tornava-se mais intenso no ar enquanto respirava. Compreender o que se tratava fez com que, de alguma forma, as filas e filas de arbustos parecessem, subitamente, um mau presságio. Quase podia ver o cheiro, o pólen das flores libertado para o seu amante na noite, flutuando no ar, em busca de vítimas. Clytus chamou: — Geena! Vamos sair destes campos antes que comecemos todos a ter visões.

Ela não respondeu. Todos olharam em volta. Não a viram em parte alguma. Não havia nada em redor deles, além de milhas e milhas de plantação.

— Geena? Estás agachada nos arbustos? Tenta não lhes tocar muito. — O silêncio era sólido em torno deles. — Geena, que andas a tramar, rapariga?

Quando a primeira figura se ergueu, não havia qualquer possibilidade de que fosse Geena. Apareceu a alguns centímetros de Kartholomé. Um ser alto e com colmilhos, iluminado pelo luar, de ombros lar-

gos e, por um segundo horrível, nem sequer humano. Parecia ter a pele cinzenta, mas talvez fosse por causa da luz. Antes de o grito de alarme ter saído completamente da boca de Melio, o ser correu na direção de Kartholomé. Bateu-lhe com força na cabeça com uma espécie de bastão, empurrou o seu corpo frouxo para os arbustos e foi na direção de Melio. Pelos cantos dos olhos, este viu outras figuras emergirem dos arbustos, convergindo para eles num ataque súbito e feroz. Clytus gritava de dor. Melio não conseguiu virar-se para ver. A coisa com colmilhos estava diante dele, com o braço dobrado, erguido para voltar a bater. Melio esquivou-se debaixo dele. Passou por baixo do braço do homem, ao mesmo tempo que lhe desferia um murro no abdómen duro como pedra. Rodopiou rapidamente, empunhando a adaga. Pretendia atingir a parte de trás do joelho do seu atacante com um pontapé e fazê-lo cair, mas o homem já estava de frente para ele. Melio avançou na sua direção, com a faca a refulgir enquanto golpeava. O homem desviou-se por debaixo do golpe, pontapeou-lhe uma perna e voltou a investir. Realizou exatamente o movimento que Melio pretendia. Melio só teve tempo para perceber que o homem era rápido para alguém tão corpulento, e para apreciar que o tinha avaliado mal. O peso do homem caiu em cima de si. Com força. O impacto tirou-lhe todo o ar do corpo. Melio deixou cair a faca enquanto o seu rosto embatia no chão. Talvez até tivesse perdido a consciência por um segundo. Logo a seguir, um punho agarrou-lhe os cabelos e puxou-lhe a cabeça para trás e a sua própria lâmina picou-lhe a garganta.

CAPITULO

QUARENTA E UM



Não era a primeira vez que Aliver abandonava a sessão contínua do conselho — com os seus vários ramos e filiais, apinhada de dignitários, senadores e pessoal militar. Todos eles perplexos e acusatórios, cheios de medo e mais zangados por sentirem medo, arrogantes por causa dele, falando em garantias porque não tinham garantia de nada. E enlutados. Alguns deles estavam de luto. Tanto barulho! Tinham chegado relatórios acerca dos Santoth a atravessarem devastadoramente Prios, Danos, no continente, e terra adentro na direção de Calfa Ven. O pânico espalhava-se pelo império mais depressa do que as aves mensageiras conseguiam voar. Aliver precisava de se afastar, só por um momento, para limpar a cabeça e, claro, para ver como estava a irmã.

Parou antes de chegar aos seus aposentos. Ficou ao ar livre, no pátio entre a ala de Corinn e a de Aaden. Sabia o que encontraria se entrasse. As suas portas interiores estariam fechadas, os seus guardas e criadas ainda se aglomerariam nervosamente do lado de fora. Ela própria obrigara todos a sair e trancara-se lá dentro. Correrá até com os seus próprios guardas, com uma fúria dissimulada, diziam eles, que tinha deixado um guarda Marah com um olho negro e outro cheio de arranhões no queixo. Por mais que Aliver quisesse acreditar que ela estaria ali, a dar-lhe as boas-vindas, sabia que nada teria mudado. Ainda não. Se tivesse, ele já saberia. A noite estava ruidosa de vida abafada, com sussurros e tosses e as conversas murmuradas dos criados sem trabalho para fazerem e dos nobres sem as prometidas festividades. Ninguém dormia. Todos os archotes e lamparinas ardião. As próprias pedras do palácio pareciam

desconfortáveis, confusas, inquietas. Aqueles deviam ser dias de regozijo, de gaitas e tambores e violinos até de madrugada, de comida e vinho, esperança e orgulho. Mas não havia nada disso. Aliver parou, de cabeça inclinada e os olhos inspecionando um céu cinzento-lama. Não se via uma única estrela por trás da escuridão oprimente. Isso parecia um sinal tão claro como outro qualquer de que o que ele recordava daquele dia acontecera mesmo. Nenhuma estrela. Lama no céu. Desgraça num estádio que se enchera para celebrar. E Corinn...

Aliver recordou o que vira quando a cabeça de Corinn se virara para trás bruscamente, mas não podia dar-lhe crédito. Era um engano dos seus olhos num momento de confusão. Algo lhe acontecera, mas certamente que não aquilo que ele julgava ter visto. Corinn escondera o rosto. Caíra no meio dos guardas e fugira, agarrada à boca. Aliver vira-a de costas. Parecera, por um momento, que ela afastara as mãos do rosto e gritara. O seu pescoço e ombros estremeciam com o esforço, mas não houve qualquer som. O grito que o seu corpo parecia emitir teria sido vasto, dilacerante. Mas não houve nada, por isso, não podia ter sido um grito.

Fora afastado dela quando os Marah os pressionaram a fugir. Quando voltou a ver Corinn, ela estava de pé, com o xaile que estivera sobre os seus ombros apertado em torno da cara, seguro por uma mão pálida pela tensão. Os olhos dela detiveram-se um momento nos dele. Neles, viu o grito que não podia ouvir. Era mais terrível pelo seu silêncio absoluto.

Tudo isto porque os Santoth tinham surgido de nenhures. Tinham saído de um vazio, das memórias que ele tinha dentro de si, mas não explorara desde o seu regresso à vida. Porque não perguntara por eles? Não dissera uma única palavra acerca deles. Aliás, nem sequer questionara o facto de Corinn usar a feitiçaria. Afinal, ele soubera sempre — soubera verdadeiramente — que havia tanto de errado no que ela estava a fazer! E, contudo, nunca dissera uma palavra contra ela. E, por causa disso, aqueles feiticeiros estavam soltos no mundo, dedicados a coisas que ele ainda nem podia imaginar.

— Porque não percebi? — perguntou a si mesmo. — Porque não percebi antes?

Uma criada que passava sobressaltou-se com a sua voz. Ficou imóvel, com a roupa de cama encostada ao peito. Aliver virou-se, indicando com um gesto que não se dirigira a ela. Desceu as poucas escadas para o pátio superior e atravessou-o até um dos parapeitos. Era o mesmo

em que estivera lado a lado com Aaden na manhã anterior. Para leste, o vestígio do nascer do sol mal iluminava o horizonte, desmaiado, apenas mordiscando o céu escuro e denso. O mar de barcos ainda rodeava a ilha, iluminados por tochas e pequenas fogueiras. Parecia uma coisa viva, algo que respirava, mas salpicado de fumarolas flamejantes. Teria um aspeto diferente se os acontecimentos do dia anterior não se tivessem tornado tão terríveis? Ou seriam os olhos do observador que conferiam caráter ao mundo?

Aliver percebeu que há muito tempo não colocava uma pergunta desse género. E, contudo, parecia-lhe familiar. A sua melancolia. O inclinar-se para a dúvida. Sim, a sua mente parecia-lhe agora mais sua do que alguma vez fora, desde o seu regresso à vida. Isso constituía um fardo, mas também lhe concedia verdade. Pela primeira vez, ocorreu-lhe um pensamento. Ainda não conseguia percebê-lo. Apenas sabia que estava ali. Podia cheirá-lo. Podia persegui-lo.

Voltou a pensar nos Santoth. Os outros tinham querido saber porque não os avisara da sua maldade. Vivera com eles, não vivera? Não os conhecia melhor do que qualquer vivo? Havia acusação nas perguntas, um tom que crescia à medida que as horas da noite se desenrolavam para a madrugada. Ele não lhes podia responder. O que diziam era verdade. Lá longe, no deserto do sul, ele partilhara uma estranha existência desumanizada com eles. Os pensamentos tinham fluído silenciosamente entre eles, as mensagens flutuando numa maré espectral que enchia e esvaziava a um ritmo fora do correr do tempo do mundo. Ele tivera tanta certeza de que os Santoth eram aquilo que diziam ser. Que se mantinham no exílio para o bem do mundo. Tinham ajudado tanto, de tantas maneiras, durante a sua guerra com Hanish Mein. Tinham destruído as forças de Maeander numa só tarde. Poderia tudo isso ter sido ao serviço de um mal maior?

Claro que fora, percebia-o agora. A debilidade das mentiras que lhe tinham dito era agora transparente. Sempre o sentira, mas não sabia que sentia. Quisera acreditar neles, por isso acreditara. A sua linguagem podia estar completamente corrompida pelo tempo, mas não era isso que a tornava terrível. Fora sempre terrível. O tempo só a corrompera ainda mais.

Crescera a acreditar que Tinhadin era um homem nobre. Tinhadin, o que construía um império poderoso e depois banira os feiticeiros que,

com a sua ganância, o teriam destruído. O que abandonara, ele próprio, a feitiçaria, pois sabia que era uma ferramenta demasiado caótica para ser usada pelos humanos. Essa, na juventude de Aliver, fora a verdade sobre o passado.

E afinal não era. Os Santoth tinham dito que a verdade era diferente. Tinchadin banira-os, não para o bem do mundo, mas porque queria o mundo todo para si. Era como uma cria de águia, a mais forte da ninhada, que empurra os irmãos para fora do ninho, de modo que só ela viva, cresça e prospere. Os Santoth, servos fiéis, tinham sido traídos. Fora o que lhe tinham contado, falando-lhe diretamente ao cérebro, tornando o pensamento dele. Se voltassem ao mundo, tornariam a ser os seus servos fiéis. Aliver quisera tanto acreditar nisso!

E que inteligente da parte deles descobrirem que ele queria acreditar. Porque era isso que tinham feito. Na sua comunhão com eles, eles tinham explorado cada memória da sua vida, cada desejo, ambição e medo. Na altura, ele sabia-o, mas achou que era uma coisa boa. Queria que eles o conhecessem. Era tão agradável ser totalmente compreendido, sem julgamentos, pensara. Agora, tinha a certeza de que eles haviam usado o que tinham aprendido para dar forma às mentiras que lhe contaram. Havia outra coisa que o perturbava, embora ainda só a compreendesse superficialmente. Ao derrotarem Maeander nas planícies de Teh, os Santoth tinham salvo o Império Acaciano. Tinchadin mantido no poder a linhagem Akaran. E se a verdadeira razão por que o tinham feito fosse poderem ter ainda outras oportunidades de uma futura geração de Akarans os libertar? Era o que eles tinham dito: um filho dele libertá-los-ia, e libertá-los-ia para um mundo ainda governado pelos Akaran, um mundo em que a *Canção de Elenet* não tivesse sido totalmente esquecida. Um filho dele? Um filho dele... De certa forma, ele sabia que isso estava certo. Existia um filho dele, mas em que ponto do mundo se encontrava essa criança?

— Vossa Majestade? — Um guarda Marah aproximou-se nervosamente. Pôs-se em sentido assim que Aliver se virou para ele.

— Que é?

— Recebemos uma mensagem de *Sire Dagon*. O seu mensageiro disse que um Marah vo-la devia trazer, e que a devíeis ler imediatamente.

— Foi isso que ele disse? — Era mais uma afirmação que uma pergunta. Aliver ergueu uma mão e o soldado depositou nela o quadrado

de papel dobrado. Desdobrou-o sob a luz de um dos archotes colocado em cima de um pilar. A nota estava escrita a tinta castanha, as letras um pouco trémulas, como as escritas pela mão de um idoso.

“Príncipe Aliver,

Isto é terrível de escrever. Espero que perdoeis a minha falta de elegância. Tenho a informar-vos de que vós e o povo do império haveis sido mortos.”

Parou, expirou pelo nariz e releu as mesmas linhas, para ter a certeza de que não lera mal.

“Tenho de informar-vos de que vós e o povo do império haveis sido mortos. Envenenados. Não preciso de vos explicar como sei disto, mas é uma certeza. Sou, em parte, responsável pelo facto. Tanto vós como a rainha estais bastante mortos. É apenas uma questão de tempo até que os vossos corpos o compreendam. Quanto ao povo do império, ficou novamente viciado numa destilação da bruma que o matará quando lhe for negada. Está no vinho, percebeis. Exatamente no *vintage* com que vos brindaram. Foi obra da rainha, embora ela não conhecesse a sua capacidade mortífera. Se alguma vez desprezastes a Liga e nos considerastes vilões traiçoeiros, que a vossa ira se erga de novo. Aceitai que aquilo que digo é a verdade.

Porque vos conto isto? Pareceu-me importante que soubésseis, e acabei por acreditar que a vossa morte foi inoportuna. Acredito que sois um homem decente, e que tanto vós como a rainha, à vossa maneira peculiar, sois o melhor para o império. Acredito que só a rainha possa salvar o Mundo Conhecido da destruição. Por isso vos fiz esta revelação.

Aliver, por favor, incentivai Corinn a conceber rapidamente uma forma de derrotar os Santoth. Nenhum de vós dispõe de muito tempo. Se amais a vossa nação, sede rápidos. Se o fordes, é possível que a Liga continue a fornecer o *vintage*, mantendo assim o império vivo.

Vosso sinceramente,
Sire Dagon da Liga dos Navios”.

Algum tempo depois, Aliver ainda estava sentado na varanda. O dia que nascia era agora claramente visível a leste. O óleo na tocha a seu lado queimara quase todo. A chama vacilava, enviando fumo mais

preto do que antes. Estivera a observar a mudança de aparência dos navios no porto. À medida que a luz aumentava, a manta de retalhos dos navios parecia cada vez mais uma crosta irregular na pele do oceano. Era mais pequena do que no dia anterior, desfiando nas pontas.

“As pessoas estão a partir”, pensou. “Não posso censurá-las por isso”. Voltou a abrir a nota. Pensando que estava ao contrário, virou a folha. Não tinha nada. Aproximou-a da luz vacilante do archote. Conseguiu apenas distinguir a marca das letras que tinham estado ali. Enquanto ele olhava, esta desvaneceu-se ainda mais. Mesmo diante dos seus olhos, desapareceu completamente. Por um longo momento, Aliver considerou a possibilidade de o papel ter estado sempre em branco. Que imaginara as palavras que lera. Não faria isso mais sentido do que elas serem verdadeiras? Assim que ergueu os olhos e viu que o sol acabara de romper no horizonte, abandonou essa ideia. Tinta esmorecente, era o que era. As palavras podiam ter desaparecido, mas tinham sido gravadas na sua consciência e permaneceram com ele.

— Tio?

Virando-se, viu Aaden. O rapaz parara a alguma distância, perto de um archote que o iluminava com uma ondulação laranja. Sombras — as suas criadas e guardas — pairavam atrás dele. — Está tudo destruído? — A sua voz era diferente da sua calma habitual. Ele apreendia o seu tom, mas era trémulo, prestes a mudar.

— Não, Aaden — começou Aliver, mas não conseguiu encontrar palavras para continuar. O rapaz avançou, lentamente.

— Uma vez tive um sonho. Conte-i-o à mãe. Disse-lhe que tinha sonhado que o mundo tinha acabado. Ela disse que era uma tolice. Que isso nunca poderia acontecer. Mas eu sabia que podia. Sabes porquê? Porque, no sonho, ela morria. Ela morria e, nesse momento, o mundo morria também. Eu fiquei, mas o mundo tinha acabado. Era isso que eu queria dizer, mas ela não me perguntou. Nunca me fez perguntas acerca disso. Agora, talvez nunca o faça. Será verdade?

Aliver aproximou-se mais dele. Encostou Aaden ao seu peito, grato por o rapaz não ter testemunhado a maior parte dos acontecimentos no Carmelia, e aliviado por nunca poder ler as palavras da mensagem de Dagon. Eram coisas pelas quais se devia sentir grato. Corinn sussurrara-lhe um feitiço que o afastara ao primeiro sinal de problemas. Num momento ele estava ali, no seguinte partira.

— Ela ama-te — disse-lhe. — Ela cuidou de ti primeiro. Essa é que é a verdade.

Aaden remexeu-se, tentando soltar-se do abraço. Aliver manteve os braços apertados, desejando segurá-lo assim para sempre, mantê-lo para sempre criança, protegê-lo de um mundo que constantemente trocava dos que lutavam para viver nele. Se alguém o tivesse abraçado para sempre quando ele era criança! Somente abraçá-lo e não permitir que a sua vida se enviasse...

— Onde está a mãe? — perguntou o rapaz, com as palavras abafadas. — Que lhe aconteceu? Ninguém me quer contar. É alguma coisa má. Isso já sei. Sei o que aconteceu com os Santoth. Sei que mataram pessoas e querem a *Canção de Elenet*. Já o ouvi dizer, mas ninguém me diz nada da minha mãe.

— Vê-la-ás em breve.

— Quero vê-la agora! — Aaden retorceu-se. Empurrou o tio para trás, agitando os braços e o peito numa fúria súbita. Aliver recebeu os golpes sem se esquivar, tentando confortá-lo com o facto de estar ali para ser arranhado e batido. Disse-lhe disparates, apenas sons, apenas palavras sem sentido. Tentou trazer Aaden de volta ao seu abraço. Afastando-se, Aaden olhou furiosamente o tio. Nunca parecera mais feroz. As suas feições estavam torcidas de raiva, misturada com o cansaço do medo.

— Ela está morta! — gritou, com saliva a voar-lhe da boca. — Está morta e tu não me dizes!

— Não, não está. Juro.

— Então, porque não me deixas vê-la?

— Vê-la-ás, Aaden. Dá-lhe tempo. Não te estou a impedir, mas ela apenas precisa de tempo para si mesma. — Ah, mas aquilo soava tolo! Insultuoso. Simples. Parecia tão estúpido como as coisas que os adultos lhe tinham dito depois de o seu pai ter sido golpeado por Thasren Mein. Igualmente insípido e mentiroso. — Aconteceu uma coisa — disse rapidamente. — Não sei o quê, Aaden. Ela lutou com os Santoth e aconteceu alguma coisa. Mas ela está aqui, no palácio. Veio para cá pelo seu próprio pé. Foi para os seus aposentos. É tudo o que sei, Aaden. Por favor, esperemos juntos. Descubramos mais juntos.

O rapaz manteve a expressão furiosa, atenuando-a apenas um pouco.

— Deixa de me apertar como se eu fosse um bebé. Trata-me como um adulto. Como um príncipe.

Aliver deixou tombar os braços. Como um príncipe...

— Deixas?

— Sim.

Aaden examinou-o por um momento, cético, e depois disse, num tom mais seguro:

— Se ela não está morta, deixa de agir como se estivesse. O que quer que tenha acontecido, ela vai conseguir resolvê-la.

Não o disse, mas Aliver achava que aquela certeza mostrava que era ainda uma criança. Nunca considerara a certeza uma marca de sabedoria. “Mas ele que tenha certeza, que a tenha o máximo de tempo que puder.”

— Se alguém o puder resolver — disse, — será a tua mãe.

Rhrenna emergiu das sombras. Ainda que usasse o mesmo vestido que na coroação, o brilho que dançara em volta dela tinha desaparecido. Parecia tensa, frágil, como se as suas feições bem definidas pudessem desfazer-se se houvesse um barulho demasiado alto. Aliver lembrou-se do desejo que sentira por ela antes da cerimónia. Para onde tinha ido?

— Desculpai — disse ela. — Lamento incomodar-vos.

— A Corinn mandou-nos chamar?

— Não, ela ainda não falou com ninguém. Não responde quando bato à porta. Não sei o que está a fazer ali. — Olhou para Aaden e hesitou. — Mas tenho a certeza de que está bem. Estava suficientemente forte para correr com os guardas.

— Não me confortes como a uma criança — disse Aaden. — Sou um príncipe.

Rhrenna amoleceu um pouco, mas manteve o queixo erguido e falou: — Eu sei disso, Vossa Alteza.

— Eu sei que as coisas más acontecem — disse Aaden. Por um momento mostrou-se amuado, depois acrescentou: — Sei que se espera muito de mim. A mãe disse-mo. Já o sei. Parem, vocês os dois, de agir como se eu fosse fraco. Em vez disso, façam-me forte.

— Assim farei — disse Aliver —, se me ajudares. Rhrenna, porque vieste?

— A priora de Vada enviou um mensageiro. Consideram que a cerimónia está completa. Sois o rei.

— Não me sinto como um rei — foi a resposta simples de Aliver. — Mais alguma coisa?

— O conselho quer que volteis. Chegaram mais senadores. Dizem que ainda há mais para discutir.

— Já falei o suficiente com eles. Estão só a andar às voltas. Eles que falem sozinhos se querem continuar assim. Esperarei pela Corinn. Não podemos avançar sem ela. Diz-lhes isso.

Rhrenna anuiu.

— Estão a perguntar por ela. Que devo dizer-lhes?

— Que esperem. Diz-lhes que estou a trabalhar com ela. Diz-lhes que olhem para o dia de amanhã e planeiem o que puderem. Ainda temos de considerar os auldek. Eles que não o esqueçam.

Aaden pigarreou.

— Não se pode adiar tudo para amanhã. O que quer que se passe de mau com a mãe, temos de fazer o que é preciso.

— Aaden, não dormirei nem por um segundo enquanto não souber o que aconteceu e o que devemos fazer acerca disso. Não estou a adiar nada. Falar às voltas com pessoas como Sigh Saden não ajudará nada.

— E o que ajudará? Vamos descobrir, e vamos fazê-lo.

Aliver queria abraçar o rapaz outra vez.

— Muito bem, Aaden. Acho que devemos descobrir quem são, realmente, os Santoth. Se os vamos combater, temos de os conhecer. Eu pensava que conhecia, mas estava enganado.

— E devemos ter amigos connosco — disse Aaden. — Amigos em quem confiemos. Que possamos escutar, e que nos escutem. Não achas que é importante?

— Sim.

— A mãe não achava. Ela não confiava nas pessoas. — Fez uma pausa, desafiando-os a discordarem. — Nem sequer confiava em ti. Sabias disso? Trouxe-te de volta à vida, mas... não completamente. Percebi isso no primeiro dia em que te vi, porque conheço a magia dela. Ela sempre me mostrou coisas. Trouxe-te parcialmente, mas não totalmente. Percebes o que quero dizer?

O pensamento que estivera sem forma dentro de Aliver deu mais um passo.

— Começo a compreender. — O simples facto de o rapaz dizer aquilo de que sempre suspeitara, ajudou-o. Era verdade, a sua cabeça era

a sua, mas com constrangimentos, moldada de formas que ele não reconhecia. Ainda era assim, ele sabia-o. — Vamos para a biblioteca. Quero ter livros à minha volta. Será o nosso santuário.

— Prometes que serás verdadeiro comigo? Acerca de tudo?

Olhando a expressão determinada do rapaz, ouviu as palavras saírem-lhe da boca.

— Claro. Contar-te-ei tudo. — Percebeu que se lhe tinham escapado tão facilmente porque os feitiços que conformavam os seus pensamentos não as reconheciam como verdadeiras. Esse género de mentiras são tão fáceis por serem tão completamente o tecido da vida. Mas, embora ele dissesse as mesmas palavras que um mentiroso diria, falava a sério. — Tudo o que pensar vou fazer, Aaden. Tudo o que for verdade, dir-to-ei, porque agora a única coisa que importa é a verdade. E se os meus lábios hesitarem, enganá-los-ei. Direi verdades tais que só poderão ser confundidas com mentiras. — Que te parece?

— É assim que devia ter sido sempre — respondeu Aaden.